

SÉRIE V . VOLUME 6/7

O ARQUEÓLOGO PORTUGUÊS



MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA
IMPRESA NACIONAL

LISBOA, 2016-2017

Inscrição árabe de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz, Évora)

Arabic inscription in Santa Vitória do Ameixial (Estremoz, Évora)

ANA LABARTA*, CARMEN BARCELÓ**

RESUMO

Dá-se a conhecer *later* romano reutilizado com escrita árabe, que se guarda no Museu Nacional de Arqueologia (MNA) de Lisboa. Foi achado em 1970 na *villa* lusitano-romana de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), destituído de contexto arqueológico, num montículo de materiais de construção recolhidos nas escavações de 1915-1916.

Contém 10 linhas de escrita árabe de tipo cúfico, sem pontos, nem vogais, nem sinais auxiliares. As letras gravaram-se em vazio, com algum artefacto metálico de ponta fina, e colocando a peça de maneira que o lado maior fique na vertical.

A aparência das letras sugere datar a inscrição entre a última década do século XI e o primeiro quarto do século XII, entre 1090 e 1125, na época dos almorávidas. A impressão visual é que estamos perante uma inscrição de tipo rural e popular, feita por uma pessoa que tinha bom domínio da escrita, mas não era lapicida profissional nem estava ligado à elite cultural ou política.

O artigo oferece edição e tradução do texto árabe, que se compõe de:

- a) *basmala* inicial, uma invocação a Deus presente no princípio de todas as inscrições;
- b) uma exclamação relacionada com três personagens do Antigo Testamento conhecidas também pelo Islão: Adão, Moisés e Salomão;
- c) dois versículos do Alcorão. O primeiro faz referência aos génios que trabalhavam para Salomão e não perceberam a morte dele; se eles soubessem, teriam poupado um ano de trabalho. O segundo adverte que os projetos de Deus se cumprem embora sejam estranhos para nós.

O conteúdo é somente religioso; não é o de uma fundação, nem o de um epitáfio. Não tem nomes próprios nem data. As suas fórmulas religiosas não

* Docente da Faculdade de Filologia. Universidade de Valencia (Espanha). E-mail: ana.labarta@uv.es.

** Docente da Faculdade de Filologia. Universidade de Valencia (Espanha). E-mail: carme.barcelo@uv.es.

são as habituais nas inscrições conhecidas do *Al-Andalus*. No conjunto parece um aviso de que a morte é inevitável e da necessidade de estarmos cientes disso. Acreditamos que a inscrição tem carácter espontâneo e popular e não responde a um povoado muçulmano no lugar; é o resultado da reflexão de alguém que ao passar por este sítio arqueológico usou um dos materiais para registar os seus pensamentos.

Palavras-chave: Epigrafia árabe – Período islâmico – Almorávidas – *Gharb Al-Andalus*

ABSTRACT

This study deals with a Roman brick reused to write on it an Arabic inscription. It was found in 1970 in the Lusitanian-Roman Villa of Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), deprived of archaeological context, among the building materials collected during the 1915-1916 excavations and is now kept in Lisbon, in the Museu Nacional de Arqueologia.

It contains 10 rows of Arabic script of the type called Kufic, without dots, vowels or any auxiliary signs. The script was inscribed with a fine-tipped metal artefact, and putting the piece so that the larger side stays upright. The appearance of the letters suggests the inscription should be dated between the last decade of the 11th century and the first quarter of the 12th century, between 1090 and 1125, at the time of the Almoravids.

The visual impression is that of a rural and popular type of inscription, made by a person who had good knowledge of writing, but who was not a professional engraver and was not connected to the cultural and official elite.

The article offers the edition and translation of the Arabic text, which is composed of:

- a) the *basmala*, an invocation to God present at the beginning of all Islamic inscriptions;
- b) an exclamation related to three characters of the old testament known also by Islam: Adam, Moses and Solomon;
- c) two verses of the Quran. The first one refers to the geniuses who worked for Solomon and didn't realize his death; if they knew that, they would have saved a year's work. The second warns that God projects are fulfilled even though they are unknown to us.

The content is only religious; we are not in front of a foundation inscription, nor an epitaph; we don't have proper names or a date; the religious formulae are not the usual found in the known inscriptions of Al-Andalus.

In a whole, it looks like a warning that death is inevitable and we need to be aware of that. We believe that the inscription has spontaneous and popular character and does not respond to the existence of a Muslim village or settlement in that place; it is only the result of the action of someone passing by this archaeological site in mediaeval times that used one of its materials to register his thoughts.

Keywords: Arabic epigraphy – Islamic period – Almoravids – Gharb al-Andalus

Em janeiro de 2017, o Diretor do Museu Nacional de Arqueologia de Lisboa (MNA), Dr. António Carvalho, solicitou-nos um relatório sobre a inscrição árabe – destituída de contexto arqueológico – que tinha sido coletada anteriormente no sítio da *villa* romana de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz), e que foi entregue no Museu¹. O estudo desta peça motivou este trabalho, e os resultados são apresentados para sua apreciação pela comunidade científica².

A presente inscrição vem juntar-se ao importante grupo de lápides árabes preservado em Portugal (Labarta e Barceló, 1987a; Borges, 1998); muitas das quais são evidências do período islâmico peninsular e algumas têm grande importância histórica (Barceló, 2013); outras, porém, vieram de fora de Portugal, de perto ou de longe, trazidas pelos conquistadores ou adquiridas por coletores (Labarta, 2015). Acreditamos que cada nova descoberta fornece informações valiosas sobre o território, a arabização e a islamização dos habitantes, costumes e crenças, além de detalhes mais específicos de cada uma, relacionados com a ciência epigráfica.

CONTEXTO DE RECOLHA DA PEÇA

A descoberta da *villa* lusitano-romana de Santa Vitória do Ameixial ocorreu na sequência de trabalhos de exploração de uma pedreira na aldeia de Santa Vitória. O proprietário dos terrenos comunicou o facto ao diretor do Museu Etnológico

1 José Luís de Matos entregou esta peça ao Museu, em 12 de janeiro de 2017, em cerimónia pública na Sociedade de Geografia de Lisboa, durante a conferência «Mouros e cristãos no Ocidente do *Al-Andalus* no contexto tardo-romano de St.ª Vitória do Ameixial».

2 Aproveitamos esta oportunidade para agradecer ao Diretor do MNA, à Luísa Guerreiro, do serviço de inventário e coleções e à conservadora-restauradora Margarida Santos, as fotografias da peça e os dados relativos ao achado, número de inventário e medidas.

Português, José Leite de Vasconcelos (1858-1941), que enviou o conservador do Museu, Luís Chaves (1888-1975), para proceder às primeiras escavações neste sítio, o que ocorreu em 1915 e 1916. Chaves imediatamente deu notícias dos resultados em jornais locais e mais tarde publicou dois estudos que mostraram o interesse dos restos romanos encontrados, e em especial dos mosaicos (Chaves, 1938).

É uma *villa* de características rurais, incluindo vestígios do peristilo e de zona termal, que foi edificada entre o final do século I a. C. e o início do século IV d. C. durante a romanização da Península Ibérica. A *villa* terá tido uma primeira ocupação no século I, como é documentado pelo aparecimento de uma moeda de Nero e cerâmica datada deste período. No entanto, a ocupação mais significativa, em termos de vestígios materiais, é já do Baixo-Império (finais do século III, inícios do século IV).

Foram encontrados neste sítio treze painéis de mosaicos que serviam de pavimento – nomeadamente na parte do peristilo que chegou até aos nossos dias – de motivos predominantemente geométricos, sendo famoso o mosaico de Ulisses (Torres Carro, 1978). Além dos mosaicos, o espólio recolhido no local e transportado para Lisboa, onde se encontra depositado no MNA, integra ainda importantes vestígios de escultura de vulto em mármore e escultura arquitetónica, materiais de construção e pinturas murais, utensílios variados, loiças domésticas, vidros, vasos de bronze, adornos femininos de ouro e osso, jogos, anéis de metal ou de vidro e um rico tesouro de 3000 moedas romanas.

As escavações arqueológicas foram retomadas em 1970. O Dr. José Luís de Matos, então funcionário do MNA, foi incumbido pelo diretor do museu, Professor Doutor D. Fernando de Almeida, de fazer uma recuperação e limpeza das estruturas da *villa* romana de Santa Vitória. Ao chegar ao local, num montículo de materiais de construção recolhidos nas escavações, ao serem removidos entulhos e vegetação rasteira, meio coberta por estes detritos e juntamente com restos de cerâmica (cerâmicas modernas e fragmentos de cerâmica romana), quase à superfície, encontrou a peça em questão que recolheu. Em 2017 doou-a ao Museu (n.º de inventário 2017.9.1).

DESCRIÇÃO DA PEÇA

O suporte é um tijolo de cerâmica com forma retangular paralelepípedica, possuindo faces planas, parecendo ser o aproveitamento de um *later* romano. Mede 26 cm de altura x 22,5 cm de largura x 4,6 cm de espessura. A peça é preservada quase completa; tem sofrido alguns danos, especialmente nas bordas e faltam também três ângulos. Numa das faces aparecem linhas de texto em escrita árabe que ocupam quase toda a superfície, de contorno retangular (fig. 1).

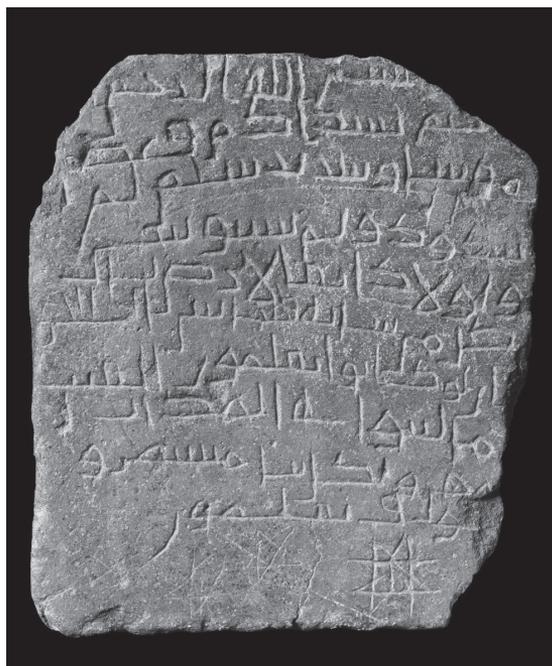


Fig. 1 – Inscrição árabe de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz, Évora). MNA, Lisboa. Foto DGPC/ADF/José Paulo Ruas.



Fig. 2 – Inscrição árabe de Santa Vitória do Ameixial (Estremoz, Évora) (seg. C. Barceló).

O texto da inscrição é preservado na sua integridade embora falte o canto superior direito; o que prova que o *later* já o tinha perdido na época em que foi usado como elemento de suporte da escrita. Ao contrário, o canto esquerdo foi perdido após a gravação da inscrição árabe e por isso perdeu alguns traços no final da primeira linha. Outros traços têm sido danificados por golpes que têm lascado a borda direita.

A inscrição é constituída por 10 linhas. As linhas de escrita não são horizontais, mas irregulares, não se mantêm paralelas nem é constante a distância entre elas. A escrita árabe é do tipo cúfico, sem pontos, nem vogais, nem sinais auxiliares. As letras gravaram-se em vazio, com algum artefacto metálico de ponta fina, e para leitura coloca-se a peça com o lado maior na vertical.

As incisões são amplas e profundas. A impressão visual é que estamos perante uma inscrição de tipo rural e popular, feita por uma pessoa que tinha um bom domínio da escrita, mas não era um lapicida profissional nem estava ligado à elite cultural ou política.

Além da escrita, na parte inferior da superfície gravada vemos duas estrelas de cinco pontas, incisas com pouca profundidade, por objeto afiado. À direita, na mesma posição, há outro desenho, gravado com a mesma profundidade que o texto árabe. Consiste em duas linhas paralelas verticais, atravessadas por duas paralelas horizontais; formam o que poderia ser um pequeno tabuleiro para o jogo da velha ou jogo do galo; um segmento vertical divide o quadrado central, e outros segmentos unem pontas talvez com a intenção de formar uma estrela de oito pontas.

O TEXTO ÁRABE. EDIÇÃO

Na edição, respeitamos a ortografia e os finais de linha do original (fig. 2), sem restaurar as letras que faltam nem os erros na escrita. Falaremos destes aspectos na secção relativa à epigrafia. Nossa edição é a seguinte:

بِسْمِ اللَّهِ الرَّحْمَنِ الرَّحِيمِ [الر]
 حِيمٌ بِشَدِّ أَدَمَ وَعَصَى
 مُوسَى وَسِرِّيرِ سُلَيْمَانَ لَمْ
 نَتَعَوَّذْ وَلَمْ نَسْتَوْسِنِ
 وَلَوْ لَا دَابَّةَ الْأَرْضِ تَأْ
 كِلَ مِنْ سَأْتِهِ فَلَمَّا تَبَيَّنَ الْجِنُّ
 أَنَّ لَوْ كَانُوا يَعْلَمُونَ الْغَيْبَ
 مَا لَبِثُوا فِي الْعَذَابِ
 [ل-] مَهْنٍ وَلِكُلِّ نَبِيٍّ مُسْتَقَرٌّ وَ
 سَوْفَ تَعْلَمُونَ

O TEXTO ÁRABE. TRADUÇÃO

Na nossa tradução mantemos as linhas e incluímos entre colchetes as referências a passagens do texto do Alcorão.

1. Em nome de Deus, o Clemente, o [Miseri-]
2. cordioso. Pela força de Adão, o bastão
3. de Moisés e o trono de Salomão! Não
4. teríamos procurado refúgio e não teríamos dormido
5. se não tivesse sido por «a besta da terra que co-
6. meu seu cetro. E quando (caiu), tornou-se evidente para os *jinn*s
7. que se eles tivessem conhecido o desconhecido
8. não tinham ficado no tormento
9. vil» [Alcorão XXXIV, 14] e «cada anúncio tem seu prazo e
10. sabereis» [Alcorão VI, 67].

COMENTÁRIO EPIGRÁFICO E DATAÇÃO

Não é o mesmo um desenho em relevo ou uma gravura incisa, esculpir em mármore ou em terracota, o resultado do trabalho de lapicida profissional ou o de um amador. Contudo, os traços caligráficos subjacentes no *later* são os que caracterizam as inscrições do império dos Almorávidas (fig. 3). A forma de alguns traços especiais pode ser comparada com a da epigrafia cúfica em relevo da área de Almeria, a que forneceu o maior número de estelas deste período (Ocaña, 1964).



Fig. 3 – Alfabeto da inscrição árabe de Santa-Vitória. Século XII (seg. A. Labarta).

No alfabeto árabe desta época, que se estende entre 1084 e 1145, destaca-se o grafema que representa *‘ayn* medial que não tem a forma triangular aberta ou fechada de outras cronologias se não a de um quadrado fechado. Assim o vemos gravado no *later* de Estremoz e nas inscrições de Almeria – especialmente nas da segunda década do século VI da Hégira.

Outras características específicas são:

- a) a letra *mīm* final adquiriu na etapa taifa um apêndice que se prolonga na direção da linha inferior, um aspeto já consolidado neste período almorávida;
- b) *hā’* medial é um triângulo cortado por uma linha oblíqua;
- c) *nūn* final e isolada ainda mantém a forma angular da época Taifa.

A lápide de Almeria que guarda maior número de semelhanças ou coincidências com a inscrição de Santa Vitória é uma estela do ano 522 H/1128 (Ocaña, 1964, n.º 54). Além disso, também uma lápide de mármore achada recentemente em Córdoba e datada do ano 516 H/1123 amostra vários grafemas com desenhos semelhantes aos já mencionados (Martínez Núñez, 1996, p. 145, fig. 1).

Dentro da área do *Garb al-Andalus* a nossa inscrição tem paralelos gráficos com uma lápide, achada no castelo de Alcácer do Sal, esculpida em relevo e datada no ano 492 H/1099 já em época dos Almorávidas e preservada no Museu Municipal de Alcácer (n.º de inventário 4584) (Labarta e Barceló, 1987b, p. 239-241).

Pelo contrário, os traços que oferecem duas inscrições incisas deste mesmo período, provenientes de Cáceres (498/1105) e Trujillo (528/1133) (Pavón, 1967 e 1970; Rosselló, 1978, n.º 3; Pérez Álvarez, 1992) não têm semelhança com os da escrita cúfica do *later* que aqui estudamos.

A aparência das letras sugere datar a inscrição entre a última década do século XI e o primeiro quartel do século XII, entre 1090 e 1125, em época almorávida.

PARALELOS

A reutilização de um *later* romano para inscrever um texto árabe não é usual, mas não é um caso excepcional, conhece-se outro exemplo, vindo também da mesma província romana. É outro *later* romano do qual deu notícia Zozaya (1986, p. 117 nota 9 e fig. VIb). As medidas são: 28,5 cm de altura x 23,5 cm de largura x 5 cm de espessura. Achou-se em 1968 em Vegas de la Alameda (Fuente del Maestre, Badajoz) e encontra-se no Museu de Badajoz (n.º de inventário 4247). Tem gravadas nove linhas de escrita árabe em estilo cúfico simples, também incisa, sendo a estela funerária de um homem (Martínez Núñez, 2013, n.º 10).

COMENTÁRIO AO TEXTO

Como se aprecia, através da tradução e edição, o texto árabe está composto de:

- a) *basmla* inicial (linhas 1-2), uma invocação a Deus presente no princípio de todas as inscrições;
- b) uma exclamação relacionada com três personagens do Antigo Testamento conhecidas também pelo Islão: Adão, Moisés e Salomão (linhas 2-3);
- c) dois versículos do Alcorão, o primeiro dos quais faz referência à inesperada morte de Salomão.

Embora se trate de passagens conhecidas do texto sagrado islâmico, a escrita incisa no *later* tem algumas discrepâncias em relação ao que diz o texto do Alcorão:

- a) no início da linha 4, parece que foi gravado *natakawwad* em vez de *nata'auwad*;
- b) no início da linha 6, a palavra *minsa'ata-hu* foi cortada, como se fossem duas palavras, uma delas a preposição *min*.
- c) perto do final desta linha 6, vemos *tabayyana* em vez da forma *tabayyanat* que figura neste versículo;
- d) no mesmo versículo foi omitida – por descuido ou voluntariamente – a palavra árabe *harra*.
- e) no início da linha 9, a palavra *al-muhīn* do versículo corânico 9 foi escrita *al-muhīn*, com a omissão da letra *yā'*.

O conteúdo é somente religioso; não é o de uma fundação, nem o de um epitáfio. Não têm nomes próprios nem data. As suas fórmulas religiosas não são as habituais nas inscrições conhecidas do *Al-Andalus*. No conjunto parece um aviso de

que a morte é inevitável e da necessidade de estarmos cientes disso, da ameaça do castigo do inferno para aqueles que não agem com previsão da vida após a morte.

A menção da vara de Moisés pode estar relacionada com Alcorão II, 60. O versículo diz: «E quando Moisés pediu água para o seu povo, nós dissemos: “Bate a rocha com a tua vara!”. E dela brotaram doze fontes. Todos sabiam de qual tinham que beber. Comei e bebei da graça de Deus e não cometeis injustiças nem origineis desordem na terra nem a corrompeis».

A vara de Moisés desempenha um papel importante nas lendas medievais islâmicas. De acordo com alguns autores, teria baixado do Paraíso e antes de Moisés, teria sido de vários profetas começando com Adão, como Noé, Abrão, Ismael, Isaac e Jacob; de acordo com uns, deu-lhe a vara um anjo e para outros, obteve-a de sua esposa. Na tradição islâmica é uma vara milagrosa; o compilador da literatura exegética *al-Ta'labī* (m. 427 / 1035) detalha notavelmente as suas maravilhas: brilha no escuro; produz água na seca; se for plantada no solo, torna-se uma árvore de fruta; produz leite, mel e aroma perfumado; frente ao inimigo torna-se um dragão duplo; fende montanhas e rochas; permite cruzar rios e mar; afasta as feras do gado (Heller, 1993, p. 639).

O fragmento do Corão XXXIV, 14 refere-se ao poder de Salomão sobre os gênios (*ǧinn*) que habitam a terra. O versículo anterior (13) afirma que «eles fizeram ao rei de Israel tudo o que ele queria: salões (*maḥārib*), estátuas (*tamāṭīl*), jarros (*ǧīfan*) como poços (*jawāb*) e caldeirões (*quḍūr*) imóveis». Diz o tradutor Julio Cortés (1980, p. 511, nota) que, quando Salomão morreu, ficou em pé por um ano suportado na sua cana para que os gênios – ignorantes da sua morte – dessem termo às obras que tinham confiadas. Este comentário explica o significado do versículo presente na lápide: o caruncho ou a besta da terra comeu a cana e quando, sem apoio, Salomão caiu, os gênios perceberam que ele tinha morrido há muito tempo e que se eles soubessem teriam poupado um ano de trabalho.

A inscrição termina com o versículo VI, 67 que adverte que os projetos de Deus se cumprem embora sejam estranhos para nós; portanto, o crente deve estar preparado em todos os tempos para a morte e o julgamento subsequente por suas ações na terra.

A meditação na frente das ruínas do acampamento da tribo ou de antigos vestígios é um tópico da literatura árabe clássica, desde as suas origens na era pré-islâmica, que se tornou um estereótipo quase obrigatório no prólogo dos longos poemas chamados *qaṣīda*; existem numerosos textos de renomados autores que usam este recurso literário. Evocar o passado, a ruína dos grandes impérios, a transitoriedade da vida humana, o *ubi sunt* dos romanos, é algo que vem automaticamente ao espírito de um árabe com uma mínima educação literária.

O Alcorão também insiste na fugacidade da vida do crente que tem que estar alerta em todos os momentos pela possibilidade de que sua vida acabe quando

menos espera. Acreditamos que a inscrição tem carácter espontâneo e popular e não responde a um povoado muçulmano no lugar; é o resultado da reflexão automática de alguém que estava passando por este sítio arqueológico e que usou um dos materiais para registar o que pensava.

Carmen Barceló indica que os monumentos romanos, que ainda existem em muitos países árabes, têm amostras de graffiti árabes, desde um datado do ano 75/694 gravado sobre o arco de Marco Aurélio na cidade libanesa de Trípoli ou os também muito antigos, do ano 117/735, incisos e pintados nas paredes da cidade arruinada de Antinoë no Egito (Barceló, 1997, p. 135).

O ânimo do homem medieval ficava impressionado por um edifício arruinado. Os escritos medievais árabes recolhem muitos exemplos, como fez o cordobês *Ibn Baškuwāl*, no seu livro sobre personagens de *Al-Andalus*. Na biografia de *Aḥmad b. 'Alī al-Ġabalī* (que morreu no início do século XI) informa que fez a peregrinação para Meca e que no caminho para Medina entrou numa ruína onde viu escrito numa parede, virada ao sul, o seguinte verso: «Você é um tolo se seu coração procura glória em vão, porque a morte se aproxima no tempo em que os pecados fluem» (Barceló, 1997, p. 135).

É notável que essas mesmas considerações sobre a transitoriedade da vida foram expressas em termos semelhantes por Luís Chaves na conclusão do seu estudo dos restos da *villa* romana de Santa Vitória: «No século IV fôra feita ou estava de pé, consoante o provam a letra das inscrições, o tipo dos mosaicos, as moedas, etc. A horda das invasões, tê-la-ia destruído; e o tempo, que nada poupa, cobriu o abandono e as ruínas dos homens com a sepultura de terra em que tudo afunda e esconde» (Chaves, 1938, p. 117).

BIBLIOGRAFIA

BARCELÓ, C. (1997) – *Graffiti árabes: un intento de clasificación*. In GIMENO, F.; MENDIGORRI, M. L., ed. lit. – *Los muros tienen la palabra. Materiales para una historia de los graffiti*. *Seminari Internacional d'Estudis sobre la Cultura Escrita*, 2, Valencia, 1994: Actas. Valencia: Departamento de Historia Antigua y de la Cultura Escrita. p. 121-147.

BARCELÓ, C. (2013) – Lisboa y Almonzor (374 H/985 d. C.). *Conimbriga*. Coimbra. 52, p. 165-194.

BORGES, A. G. M. (1998) – Epigrafia árabe no Gharb. [n.º 272-308, 310]. In *Portugal Islâmico. Os últimos sinais do Mediterrâneo*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia. p. 227-255, 264-267.

CHAVES, L. (1938 [1956]) – Estudos lusitano-romanos. I. A «Villa» de Santa-Vitória do Ameixial (Concelho de Estremoz). Escavações em 1915-1916. *O Archeologo Português*. Lisboa. S. 1, 30, p. 14-117.

EL CORÁN. Edición preparada por Julio Cortés (1980). Madrid: Editora Nacional.

CORTÉS, J. (1980) – cf. EL CORÁN.

HELLER, B. (1993) – Mūsā. In *The Encyclopaedia of Islam*. 2.ª ed. Leiden: Brill, vol. VII, p. 638-639.

LABARTA, A. (2015) – Epigrafia árabe sobre piedra en el *Garb al-Andalus*. In MALPICA, A.; Sarr,

- B., ed. lit. – *Epigrafía Árabe y Arqueología Medieval*. Granada: Alhulia, p. 205-238.
- LABARTA, A.; BARCELÓ, C. (1987a) – Inscripciones árabes portuguesas: situación actual. *Al-Qanṭara*. Madrid. 8, p. 395-420.
- LABARTA, A.; BARCELÓ, C. (1987b) – Dos inscripciones árabes halladas en Alcácer do Sal. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 8, p. 239-243.
- MARTÍNEZ NÚÑEZ, M. A. (1996) – Estelas funerarias de época almorávide aparecidas en Córdoba. *Miscelánea de Estudios Árabes y Hebraicos*. Granada. 45, p. 133-146.
- MARTÍNEZ NÚÑEZ, M. A. (2013) – *Epigrafía Árabe del Museo Arqueológico Provincial de Badajoz*. Badajoz. Museo de Badajoz.
- MARTINS, A. – *Villa Lusitano-Romana de Santa Vitória do Ameixial*. IGESPAR, Ministério da Cultura de Portugal. [Consult 02 jul. 2017]. Disponível em WWW: <URL: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70269/>>.
- NUNES, J. CASTRO (1993) – Villa Lusitano-Romana de Santa Vitória do Ameixial. [Consult. 30 jun. 2017]. Disponível em WWW: <URL: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=27666>.
- OCAÑA, M. (1964) – *Repertorio de inscripciones árabes de Almería*. Madrid; Granada: C.S.I.C.
- SOUCEK, P. P. (1993) – Solomon's throne/Solomon's bath: model or metaphor? *Ars Orientalis*. Washington D.C. 23, p. 109-34.
- TORRES CARRO, M. (1978) – La escena de Ulises y las sirenas del mosaico de Santa Vitória (Portugal). *Boletín del Seminario de Estudios de Arte y Arqueología*. Valladolid. 44, p. 89-102.
- ZOZAYA, J. (1986) – Huesos grabados con inscripciones árabes. *Boletín de la Asociación Española de Orientalistas*. Madrid. 22, p. 111-126.